



**OS INÉDITOS VIÁVEIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR(ES) DA
EDUCAÇÃO BÁSICA: OS SABERES E PRINCÍPIOS ÉTICOS
FREIREANOS**

**THE UNPRECEDENTED VIABLE IN THE TRAINING OF TEACHER
OF BASIC EDUCATION: FREIREAN KNOWLEDGE AND ETHICAL
PRINCIPLES**

**LA VIABLE SANS PRÉCÉDENT DANS LA FORMATION D'ENSEIGNANT
D'ÉDUCATION DE BASE: SAVOIRS FREIREENS ET PRINCIPES
ÉTHIQUES**

Camila Lima Coimbra  

Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais - Brasil.

Email: camilima8@gmail.com

RESUMO

Este trabalho relata as experiências vivenciadas na práxis educativa da disciplina Princípios Éticos Freireanos, uma disciplina optativa para os Cursos de licenciatura e ofertada pelo Núcleo de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Esta práxis foi ancorada em algumas categorias da filosofia freireana de educação, a partir das palavras geradoras criadas pelas turmas que participaram de seu desenvolvimento. Assim, torna-se objetivo deste relato revelar os “inéditos viáveis” que foram construídos nessa práxis. Como romper com uma lógica disciplinar? O que pensar em tempos e espaços universitários tão fragmentados? Quais os desafios para uma práxis freireana? Como aprender a teoria e a prática em uma perspectiva freireana? Como vivenciar uma práxis freireana em uma estrutura tão rígida? Quais “inéditos viáveis” construídos? Problematizações que foram perseguidas ao longo dessa práxis educativa, a fim de justificar as categorias trabalhadas: politicidade, comprometimento, eticidade, democracia e dialogicidade, além das relações com uma práxis educativa desenvolvida coletivamente. Também foi abordada a necessidade de uma práxis compartilhada em um exercício docente rigoroso e amoroso, em busca de perspectivas para a formação de professoras (es) para a Educação Básica.

Palavras-chave: Formação de professores. Inéditos viáveis. Práxis educativa. Relato de experiência.

ABSTRACT

This work reports the experiences lived in the educational praxis of the Freirean Ethical Principles discipline, which is optional for the Licentiate Courses and offered by the Faculty of Education of the Federal University of Uberlândia. This praxis was anchored in some categories of Freire's philosophy of education, from the generative words created by the classes that participated in its development. Thus, it becomes the objective of this work to reveal the “viable novels” that were built in this praxis. How to break with a disciplinary logic? What to think about such fragmented times and university spaces? What are the challenges for a Freirean praxis? How to learn theory and practice from a Freirean perspective? How to experience a Freirean praxis in such a rigid structure? What “viable



novels” built? Problematizations that were pursued throughout this educational praxis, in order to justify the worked categories: politics, commitment, ethics, democracy and dialogicity, in addition to the relationships with an educational praxis developed collectively. The need for a shared praxis in a rigorous and loving teaching exercise, in search of perspectives for the formation of teachers for Basic Education, was also addressed.

Keywords: Educational praxis. Experience Report. Teacher training. Viable unpublished.

RESUMEN

Ce travail rapporte les expériences vécues dans la pratique éducative de la discipline des Principes éthiques freiriens, une discipline optionnelle pour les cours de licence et proposée par le Centre didactique de la Faculté d'éducation de l'Université fédérale d'Uberlândia. Cette praxis était ancrée dans certaines catégories de la philosophie freirienne de l'éducation, à partir des mots générateurs créés par les groupes qui ont participé à son élaboration. Ainsi, il devient l'objectif de ce rapport de révéler les « inédits viables » qui se sont construits dans cette praxis. Comment rompre avec une logique disciplinaire ? Que penser de temps et d'espaces universitaires aussi fragmentés ? Quels sont les enjeux d'une praxis freirienne ? Comment apprendre la théorie et la pratique d'un point de vue freireen ? Comment vivre une praxis freireenne dans une structure aussi rigide ? Quelles « premières viables » ont été construites ? Des problématisations poursuivies tout au long de cette praxis éducative, afin de justifier les catégories travaillées : politique, engagement, éthique, démocratie et dialogicité, en plus des rapports avec une praxis éducative développée collectivement. La nécessité d'une praxis partagée dans un exercice d'enseignement rigoureux et aimant a également été abordée, à la recherche de perspectives pour la formation des enseignants pour l'éducation de base.

Palabras clave: Formation des enseignants. Pratique éducative. Rapport d'expérience. Viable inédit.

INTRODUÇÃO

A disciplina Princípios Éticos Freireanos foi criada para a aprendizagem das contribuições de Paulo Freire para a educação brasileira, especialmente na formação de professoras (es) da Educação Básica. Para tanto, a teoria crítica de currículo, dentro da pedagogia progressista, em uma perspectiva libertadora, apresenta alguns princípios éticos que contribuem para a compreensão do perfil profissional e humano imprescindível na formação de professoras (es).

Nesse contexto, alguns conceitos freireanos dão sustentação a uma praxis educativa que busque a construção do conhecimento, a concretização de “inéditos viáveis”, a oportunidade de aprender junto por meio do diálogo, a reinvenção das leituras de mundo e a transformação desse mundo em um lugar humano, solidário e ético. O conceito que assume essas características do Projeto pela palavra é o conceito de praxis. “A praxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1970, p. 38). Acrescentaria, em tempo, de homens e mulheres. Esta releitura assumindo o poder da linguagem, Paulo freire faz em “Pedagogia da Esperança”, de 1992.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos, mulheres e homens, tornando-se seres de transformação, e não da pura adaptação ao mundo, passaram a ter, no sonho, também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. (...) Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também. (FREIRE, 1992, p.91 e 97)

Sustenta-se, assim, uma concepção de educação freireana em que os processos educativos trazem novos significados tanto para educadoras (es) quanto para educandas (os).

Nesta perspectiva, não podemos nos furtar de rever o papel da educação a partir do contexto escolar que tem vivenciado, ao longo dos tempos, uma história de exclusão e, muitas vezes, de reprodução da sociedade injusta e desigual. Por isso e com isso, justifica-se alguns princípios já anunciados em Coimbra (2017): ética nas relações humanas, a democracia, o diálogo, a corporeificação das palavras e respeito pelo contexto cultural. Claro que tais princípios estão ancorados na concepção de ser humano freireana, como uma concepção de sujeito inacabado. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 1996, p. 55)

Por isso, transformar, formar, transcender, ampliar, dialogar, comunicar, criar, circular, contribuir, compreender, pensar, articular, provocar, realizar, mediar são verbos utilizados ao longo dessa práxis e que em sua coerência conceitual buscam as formas e propriedades do movimento. Movimento enquanto atitude. Atitude enquanto ação humana. Ação humana que significa curiosidade. Curiosidade que é intrínseca aos protagonistas dessa história. História que faz parte de um tempo. Tempo que se materializa pelas palavras. Palavras que expressam o mundo. Mundo que exige sujeitos. Sujeitos que transformam e se formam.

OS SABERES CURRICULARES

Os conteúdos curriculares, em uma perspectiva freireana, são transformados em saberes necessários à prática educativa, como Freire (1996) anuncia em “Pedagogia da Autonomia”. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender. Essa ideia de transformar a práxis em um processo permanente e contínuo de aprendizagens trouxe a materialização de alguns conteúdos, os quais foram trabalhados no campo teórico, mas também e conjuntamente no campo da vivência da disciplina, o que materializou-se, assim, na práxis. Ao serem apresentados, eram identificados e materializados de alguma

forma para que aprendentes pudessem experienciar cada um dos conteúdos e saberes. Por isso, os conteúdos foram organizados a partir de alguns dos saberes necessários à prática educativa.

1. Ensinar exige respeito aos educandos, criticidade, estética e ética.

Responsabilidade e compromisso ético-político: diz respeito ao compromisso de cada um de nós com a formação de professoras (es), não só com a disciplina e aprendentes, mas com o exercício profissional que exige um posicionamento crítico e um compromisso social, em uma sociedade tão desigual como a nossa. Esse olhar sensível, crítico e ético foi compreendido como um dos conteúdos importantes a serem trabalhados.

2. Ensinar exige saber escutar.

Diálogo: ser transparente nas intenções, ações e comunicações, ouvindo e falando, respeitando e reconhecendo os sujeitos aprendentes. Condição para a existência do Círculo.

3. Ensinar exige autonomia ao ser do educando.

Autonomia e respeito às diferenças: o que nos diferencia (nossas experiências de vida, nossos saberes, nossas reflexões, nossos valores, etc.), por isso várias formas de registro. Procurar valorizar o que cada um traz em sua experiência de vida, em suas reflexões, para ampliar o aprendizado do coletivo. Valorizar os diferentes saberes trazidos pelos aprendentes para uma construção coletiva do processo de ensino-e-aprendizagem-e-avaliação. Essa compreensão fez com que, mesmo com objetivos (pré)-definidos, cada turma desse o contexto e a forma como estes objetivos seriam alcançados.

4. Ensinar exige liberdade e autoridade

Participação: envolver todas (os) no processo de decisão e escolha dos livros para leitura, bem como a forma de materializar nossas leituras. O desenvolvimento e as decisões sobre o que e como são compartilhadas. Alguns princípios foram assumidos em todas as turmas: a) ler, no mínimo, um livro de Paulo Freire; b) conhecer uma instituição educativa do município; c) criar uma forma de materialização da leitura e d) construir, coletivamente, a síntese das aprendizagens coletivas.

5. Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Avaliação formativa: pedagogia do diálogo e conflito – a avaliação aconteceu ao longo do processo, de forma diversificada, entre as (os) aprendentes. Cada um aprendeu de

uma forma e isso não foi traduzido por meio de notas. Nos combinados iniciais da disciplina, alguns critérios éticos foram definidos coletivamente. a) Fazer a crítica de forma respeitosa e apontar propostas (denúncia/anúncio); b) Cumprir as suas responsabilidades como aprendiz da turma. c) Refletir sobre o ponto de partida e o ponto de chegada (individual e coletivo). d) Esperançar sair melhor do que entramos e, para isso, estarmos abertos às críticas e, principalmente, às propostas de aperfeiçoamento. e) Ouvir o outro. O envelope para guardar as “coisas importantes” e os registros por aula demonstra o que-fazer de cada um, para que as reflexões e as provocações sejam efetivamente os diálogos mediatizados pelo mundo e pelo outro.

6. Ensinar exige consciência do inacabamento. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado.

Reconhecer que somos seres inacabados e incompletos. "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre". As visitas às histórias de cada aprendiz instalam esta possibilidade concreta de um vínculo afetivo importante em um processo de ensinagem.

7. Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

O círculo, como forma de organização da sala de aula, rompe com uma estrutura hierarquizada de ensinagem e faz com as pessoas, os conhecimentos, as experiências circulem entre nós. Por isso, Freire denominava Círculo de Cultura. O lugar do encontro.

8. Ensinar exige alegria e esperança

Os chás compartilhados. Uma mesa coletiva é montada no centro da sala/círculo com a participação de todos/as. Parece algo tão insignificante/simples aos olhos de quem não está imerso no processo, mas quem está envolvido compartilha os sabores, os tempos e os momentos de degustação da aprendizagem. Não há tempo cronológico para a aprendizagem e a troca feitas em sala de aula. Por isso, começamos e terminamos um processo, em que o chá que esquentamos é o mesmo que mobiliza os afetos e os conflitos necessários à práxis educativa. Cria-se um vínculo afetivo com aquilo que faz sentido para a Turma. Por isso, instalamos uma mesa com chás diversos e água quente no centro do círculo, para uso permanente e irrestrito. Qual o vínculo que pode ser estabelecido com cada turma?

9. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Ampliação da leitura de mundo ou de sua visão inicial para a visão ampliada com a visão do outro e a construção do conhecimento que se realiza “a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo”. (FREIRE, 1996, p. 46) As problematizações criadas propiciaram algumas mudanças, transformações? Por quê? Em quê? Como? Quais leituras foram feitas? Por quê? Quais diálogos foram realizados?

10. Ensinar exige pesquisa. Ensinar exige rigorosidade metódica.

Assunção de seu lugar no mundo e de suas concepções também configuram um espaço/tempo importantes. Vale destacar o movimento, as reflexões e críticas realizadas, em uma perspectiva de construção do conhecimento. O papel da formação também é de ampliar conceitos, possibilitar fundamentação, avançar e não permanecer apenas no senso comum, por isso a importância dada ao conhecimento científico produzido pela sociedade. O ponto de partida é o que sabem, mas o ponto de chegada não pode ser o mesmo. Há, necessariamente, que acontecer aprendizagens no campo científico.

OS SABERES METODOLÓGICOS

A disciplina foi desenvolvida em 4 (quatro) momentos ao longo do semestre, o que percorre um ciclo formativo. Um primeiro momento em que ocorre o encontro dos aprendentes: quem somos e o que queremos? Este momento do ciclo, denominamos de “Identidades”. O segundo momento, em que trabalhamos com alguns conceitos importantes para compreensão dos princípios freireanos, denominamos de “Conceitos”. O terceiro momento, para a reconstrução desses conceitos, a fim de significá-los, denominamos de “Refazendo”. Por fim, o quarto momento do ciclo, caracteriza-se como movimento de “Síntese”. Quais aprendizagens construídas? Quais conhecimentos produzidos? Talvez a explicação ficasse melhor se as letras assumissem a forma de um círculo para dar o movimento e a interação necessárias.

A organização neste ciclo de formação ou de desenvolvimento humano traz o sujeito da aprendizagem, com todas as suas dimensões, para o centro do processo educativo. Nessa perspectiva, os ciclos visam introduzir na organização curricular uma temporalidade que leva em conta o caráter processual da construção do conhecimento e as especificidades do momento de formação dos aprendentes.

No primeiro momento, Identidades, foram utilizadas as primeiras três semanas, em que as perguntas foram: o que conheço e o que gostaria de conhecer sobre Paulo Freire?

Quais perguntas tenho sobre o que sei e o que mais pretendo conhecer? A partir desse movimento, construímos nossos desenhos-identidade e nos reconhecemos nas turmas, para chegarmos a algumas palavras geradoras: alfabetização de adultos, educação popular, educação bancária, autonomia, formação de professoras (es), academia/universidade, cultura, escola/comunidade, e visão/leitura de mundo. As palavras são diferentes para cada Turma. Ainda neste primeiro momento, construímos a linha do tempo do Paulo Freire de seu nascimento até a sua morte, passando pelo exílio e sua extensa bibliografia. Fizemos um mapeamento das obras em cada momento histórico. Essas obras foram apresentadas e a partir dela, compreendemos o itinerário, a vida e a obra de Paulo Freire para que as escolhas de leitura pudessem ser feitas. Ao mesmo tempo que aprendemos a história do Paulo Freire, também construímos a linha do tempo dos/as aprendentes. Quais fatos são significativos em cada história? Como nos vemos sujeitos/protagonistas da história?

No segundo momento, Conceitos importantes foram trabalhados a partir das palavras geradoras, criadas desde o primeiro momento e ampliadas neste momento com: politicidade, práxis, dialogicidade, conscientização, libertação, “inédito viável”, educação popular, autonomia, utopia e alegria. A cada aula, dois conceitos eram tratados no Círculo, na roda de conversa, entremeados às nossas histórias, às poesias, às músicas, a dados da realidade que chegavam por meio de cada um. Nesse movimento, foi possível que cada um buscasse o seu interesse de leitura: qual livro de Paulo Freire gostaria de ler, frente ao que já conheceu? Não houve uma referência única para a leitura, mas cada um escolheu o seu livro frente aos seus desejos e necessidades. A única exigência da mediadora é que fosse do próprio Paulo Freire. Este segundo momento é caracterizado pelo estudo aprofundado das palavras geradoras, por meio da aula expositiva dialogada como meio de realização deste estudo.

No terceiro momento, Refazendo, debatemos as palavras geradoras e criamos as reinvenções. Momento de partilha. Convidamos educadoras para a troca, o compartilhamento. Para cada turma, pessoas e visitas diferentes, a depender das demandas apresentadas pelas(os) aprendentes. Nesse contexto, também criamos palavras em um exercício de rever os conceitos que consideramos fundantes em uma prática educativa progressista. Das palavras que foram trazidas ao grupo, acrescentamos: coragem, respeito, compreensão, leitura, reciprocidade, perseverança, escuta, fronteira, vazio, humanização e empatia. Com essas, criamos: leitura, perseveragem, vaziar, es-vaziar, compromicidade, emanizar, dentre outras. Este momento da reconstrução, do refazer dentro do ciclo formativo, objetiva construir a partir de nossa identidade, a relação com o outro, mediatizados/as pelo diálogo.

No quarto momento, denominado Síntese, cada aprendente faz a socialização de sua leitura e a respectiva materialização. Nessa ocasião, cada aprendente faz a escolha de um livro de Paulo Freire para a leitura da palavra e do mundo de Paulo Freire. A partir da leitura, aproximada aos saberes de cada um, fazemos a socialização e a respectiva materialização. Os livros escolhidos nas duas Turmas foram: “Educação e Mudança”; “Pedagogia do Oprimido”; “Política e educação”; “Educação na cidade”; “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”; “Educação como prática da liberdade”; “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”; “A importância do ato de ler”; “Medo e ousadia: o cotidiano do Professor”; e “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. As materializações são o momento criativo do processo. Acontece de forma individual, em um primeiro momento e, depois, coletivamente. Qual leitura de mundo e da palavra trago para a turma? Qual síntese podemos fazer destes conhecimentos e aprendizagens construídas?

OS SABERES DA AVALIAÇÃO

Como forma de materializar esses diálogos, ao longo do ciclo formativo, para todos os momentos, criamos os seguintes “inéditos viáveis”.

1. Um caderno de registro: Ensinar é... aprendi o quê?

As perguntas mobilizadoras para esse registro foram: o que aprendemos com o outro? Quais valores? Quais atitudes? O que importa? O que me move? A ideia é que nesse registro, possamos escrever ou registrar os valores, o que aprendemos por meio dos exemplos e das pessoas que tivemos a oportunidade de conviver. Um princípio para esse registro foi a compreensão de nossos saberes que são oriundos de nossas experiências, vivências, decepções, amores, rancores e trajetórias pessoais e sociais. São valores que nos constituem, que são importantes para a prática educativa, que não aprendemos no sistema regular de ensino, mas com a avó, com o vizinho, com a tia, com os pais, dentre outros.

2. Um caderno de registro: o que a aula plantou em você?

Um exercício de reflexão individual de registro livre e criativo. Essa atividade não é simplesmente a descrição de todas as atividades que aconteceram na aula, mas a forma como cada um/a sentiu/viveu/experenciou/plantou aquela aula. A riqueza dos registros de cada um e sua forma de aprender a disciplina. Músicas. Reflexões. Paixões. Vivências expressas de

diversas formas que podemos registrar. O escutar e o olhar sensíveis foram o princípio. Cada participante registrou a seu modo, com sua ternura e sua cor, a partir do que cada aula significava/plantava. Foram registros sérios, alegres, encantadores, representativos de um grupo que foi se constituindo. Cada momento desse, respeitado como único no meio do universo de coisas que eu gostaria de conviver e ver ainda em minha relação comprometida com o educar. Cada palavra, gesto, emoção e canção registrados sob olhar diversos em busca de nos tornarmos “mais gente”.

3. Nosso bonsai: inspirações

Como mediadora, levo um Bonsai no primeiro dia. Iniciamos, desde a primeira semana a esperança em não nos tornarmos “jabuticabeiras”. O rodízio de cuidados ao longo do semestre com o bonsai, pode significar o que esquecemos de fazer com o outro. Cada um que o leva, traz uma informação sobre o bonsai para o nosso círculo de cultura. Ao final, plantamos o bonsai na Universidade com uma placa criada e produzida por cada uma das turmas. Cada turma nomeou seu Bonsai de forma diferente. Para a Turma Pitangueira, "Paulinho". Para a Jabuticabeira, “Elza”.

1. Podcast Pelejantes

Na turma Pitangueira, ao final da disciplina, criamos a ideia de produzir e gravar um “podcast” com as aprendizagens realizadas ao longo do semestre. O nome Pelejantes foi definido pelos aprendentes.

Cada passo, cada planejamento e cada prática educativa foram construídas pelas (os) aprendentes, com a mediação da professora que solicitou à Rádio Universitária o estúdio para a gravação do programa. Foram gravados cinco programas, a partir das palavras geradoras e de um cordel: Autonomia, Inédito viável, Liberdade, Alegria e Utopia. Para cada Programa de uma palavra geradora criamos um roteiro coletivo.

5. Linha do tempo musicada

Na turma Jabuticabeira, o primeiro momento, da linha do tempo freireana e das (dos) aprendentes foi muito significativa e decidimos criar outra forma de síntese coletiva: a criação de uma linha do tempo musicada.

Para síntese das aprendizagens, construímos linhas do tempo de significados em

nossas trajetórias e, a partir disso, identificamos as músicas que fizeram parte dessas memórias e tempos vividos. Cada aprendente construiu a sua trilha sonora no Youtube e compartilhou com a turma. No dia do “Amigo Desapego”, cada aprendente levou uma das músicas importantes em sua trajetória para nosso dividir com a turma. O que é o dia do amigo desapego?

A partir de uma coerência epistemológica, a avaliação formativa, como parte de uma prática educativa, corresponde a um processo de ensinagem, implica em uma lógica includente, reflexiva e processual. Isso coaduna com os princípios já expressados em relação à função da educação e à compreensão da sala de aula como espaço de formação, interação e aprendizagens.

Para esta compreensão de avaliação formativa, é fundamental a compreensão de que o processo não deve ser avaliado apenas ao final, mas ao longo dele. Para isso, a diversificação de métodos é fundamental para a percepção e apropriação por parte dos aprendentes daquilo que está sendo realizado. De diversas formas e em diversos momentos, a avaliação apresenta-se como um meio de refletir, analisar e propor ações que visem a aprendizagem.

Reiteramos, assim, que a avaliação formativa existe para promover as aprendizagens. Isso acontece no aprimoramento do trabalho pedagógico. Portanto, um dos componentes dessa avaliação é a possibilidade das (os) aprendentes definirem as formas de avaliação juntas (os), com o intuito de criar possibilidades diferentes no processo de ensinagem. Portanto, não há distinção entre o ensino, a aprendizagem e a avaliação, pois todos os meios estão voltados para o mesmo fim: aprender e apreender a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formadora que forma e, ao mesmo tempo se transforma, reflete sobre a sua prática, sobre a sua história, sobre as suas limitações. Como participante deste mundo, desta concepção crítica, compreendo-me como uma constante e permanente aprendiz. Esta disciplina foi a certeza de que uma nova lógica na formação de professores é possível, por isso precisamos repensar as estruturas curriculares dos cursos de licenciatura, que são muito enrijecidas, em função de muitos componentes obrigatórios e sem sentido aos aprendentes.

É urgente o repensar de nosso projeto de formação de professoras (es) e,

consequentemente, o nosso projeto de sociedade. Paulo Freire aponta alguns saberes importantes para esta transformação. Fico imaginando, um currículo organizado a partir dos saberes da “Pedagogia da Autonomia”, ou da “Educação como prática da liberdade”, para promover uma educação que liberte, uma educação que tenha a práxis como eixo educativo e que os limites fragmentados das disciplinas sejam rompidos, a partir dos “temas geradores” e de “inéditos viáveis” construídos em experiências como esta da disciplina Princípios Éticos Freireanos. Enfim, educar não é criar uma fórmula mágica, única, mas sim criar um espaço e um tempo para que a criação, a autonomia e a sensibilidade humanas possam co-existir no trabalho pedagógico comprometido com a transformação.

REFERÊNCIAS

COIMBRA, Camila Lima. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. **Revolucionando a sala de aula**: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

